

As narrativas de vida têm proliferado nesses tempos de conectividade via rede mundial de computadores, especialmente nas redes sociais virtuais. Esse fenômeno tem reacendido, entre outros motivos, o interesse acadêmico por esse gênero discursivo, e as narrativas de vida vêm sendo escrutinadas nas diversas áreas do conhecimento, desde os Estudos da Linguagem, passando pela Linguística e pela Literatura, e alcançando áreas correlatas, como as teorias sobre as narrativas e as narrativas de vida, Ciências da Comunicação e o Jornalismo.

As narrativas de vida, como toda organização narrativa do discurso, pressupõe uma articulação entre acontecimentos e personagens, constituindo uma trama, que precisa ser contada por alguém. A trama da narrativa, um tecido de acontecimentos e personagens que vão se emaranhando e construindo um “tecido” (o termo “texto” vem de têxtil, que remete a tecido), materializa-se em uma tessitura linguageira carregada de nós de tensão e contradições. Esse tipo de enredamento narrativo existe em todo tipo de cultura ou civilização, desde os mais remotos tempos e, em alguns lugares, tem sido tratado por uma perspectiva evolucionista, atribuído ao *storytelling* uma participação importante na evolução do ser humano..

Há algum tempo, os estudos discursivos da narrativa progressivamente estão abandonando interesses básicos iniciais, como a identificação de componentes estruturais, para focalizar outras dimensões da construção narrativa, tais como a indagação de por que as narrativas estão tão presentes em nossas vidas cotidianas, ou o que significa contá-

las, ou como se relacionam com a experiência e a subjetividade. Passa-se também a discutir o conceito de narrativa e a compreendê-la como uma forma de organização básica da experiência humana, a partir da qual se pode estudar a vida social em geral; o *storytelling* seria, assim, uma prática social e linguageira, uma atividade histórica e culturalmente situada. Nesse sentido, toda narrativa de vida pode surgir como um testemunho de determinantes culturais, econômicos e políticos que conformam a experiência do presente, ou, como diria Maurice Halbwachs, um ponto de vista individual sobre a memória coletiva.

Nesse intricado quadro sobre as indagações que as narrativas, em geral, e as narrativas de vida, em particular, trazem para diversos campos dentro do debate acadêmico, julgamos relevante buscar olhares diferenciados sobre essa prática social e linguageira. Assim, quisemos, nesse Dossiê, apresentar algumas reflexões sobre as narrativas de vida a partir de enfoques variados, compreendendo a Teoria Literária, a Análise do Discurso e as Ciências da Comunicação.

Abrem este Dossiê dois artigos que podemos considerar como seminais dentro da Análise do Discurso e seu interesse pelas narrativas de vida. O primeiro, “*Scription/Escuritura: sobre dois princípios semi-discursivos da comunicação escritural e sobre a ‘narrativa de vida’*”, em tradução de Cristiano Florentino, uma reelaboração de trabalho publicado no final dos anos 1980, feito especialmente para este Dossiê, pelo linguista Henri Boyer, traz provocante reflexão sobre dois princípios barthesianos, *scription* e *escuritura*, procurando demonstrar como a narrativa de vida se constitui como escritura. Para tanto, Boyer empreende uma rigorosa análise de dois textos escriturais: um retirado da seção de cartas dos leitores de um jornal popular francês e, o outro, emprestado de um texto literário. Ele foca sua análise na utilização de dois tempos verbais da língua francesa, o *passé simple* e o *passé composé*, para evidenciar um “princípio de escritura” presente nas narrativas de vida.

O segundo, “*A entrevista midiática: quem conta sua vida?*”, de autoria de Patrick Charaudeau, publicado originalmente em francês no ano de 1986 (e aqui traduzido por Ida Lucia Machado), aborda a entrevista radiofônica e a construção de narrativas de vida.

Questionando se esse tipo de narrativa se constitui como gênero propriamente dito, o autor tece algumas considerações sobre o dispositivo enunciativo, salientando a necessidade de sua análise se quisermos entender a narrativa de vida e suas implicações sociais. Para tanto, o linguista toma como exemplo empírico duas entrevistas radiofônicas que lhe possibilita discorrer sobre o dispositivo esse enunciativo midiático e apresenta algumas vozes que podem emergir nesse tipo de gênero discursivo.

Em seguida, o artigo do professor Cláudio Lessa, intitulado “A discursivização da memória em relatos autobiográficos de alunos da EJA”, procura desemaranhar os nós do discurso, da memória e da narrativa utilizando relatos de jovens adultos com o intuito de salientar a necessidade da narrativa da vida como processo de autoconhecimento, de reconhecimento do outro e de senso crítico sobre a vida cotidiana. Em seu texto, Lessa empreende um apurado debate sobre pontos de vista diversos a respeito dos relatos (auto)biográficos ao tempo em que retoma considerações fundamentais da obra de Maurice Halbwachs sobre a memória coletiva, de modo a perceber uma dimensão narrativa da memória, onde ocorreria uma projeção narrativa da identidade e onde uma dimensão ética deveria sobressair-se. Por fim, com uma vigorosa análise empírica, Lessa busca entender a situação de comunicação em que se tecem essas narrativas de vida pelo alunos e qual a determinação dessa situação nos mecanismos de discursivização da memória.

Embora não integre este Dossiê, o capítulo “Filosofias da voz”, que aparece na seção *REPERTÓRIO*, desta edição da Fólio, busca empreender uma discussão filosófica sobre “Voz”, um conceito que o autor, Nick Couldry, utiliza para tratar da capacidade humana para criar narrativas de vida e do mundo; é também uma introdução ao artigo *Narrativa de vida e Jornalismo*, da autoria de Marcus Antônio Assis Lima. Nesse artigo, o autor procura estabelecer algumas propostas metodológicas para se analisar a “voz” nos jornais, sejam impressos ou em ambiente virtual. Como ressalta o autor, o foco da análise não são as biografias, perfis, autobiografias ou relatos sobre a vida de alguém produzidos pela instância jornalística, o “jornalismo sobre personalidades”, mas, narrativas produzidas pelos leitores e, eventualmente, por um motivo ou outro, publicadas pelo jornal. O

autor parte do conceito de “voz”, como proposto por Nick Couldry, e, para a proposta metodológica que apresenta, agrega ferramentas e categorias provenientes da Teoria Literária, da Sociologia e da Análise do Discurso charaudeauniana.

Ida Lucia Machado e Alcione Roque Reis, no artigo “Os possíveis sentidos entrevistados no preâmbulo de um livro de memórias”, realizam uma análise dos possíveis sentidos implícitos e explícitos em um texto do poeta Pablo Neruda. Recorrendo à semiolinguística e aos estudos sobre narrativas de vida, as autoras discorrem sobre as imbricações entre o trabalho intelectual e a narrativa de vida que reflete esse trabalho. Para tanto, a escolha do sintagma “narrativa de vida”, pelas autoras, precisa ser estabelecido, em uma retomada de alguns pontos advindas dos estudos sobre os relatos (auto)biográficos e a própria análise do discurso. Ao mostrar as confluências do trabalho intelectual do escritor, das narrativas de vida, das “pistas de leitura” deixadas pelo eu-narrador, Machado e Reis salientam a necessidade do outro no projeto identitário que emerge nas narrativas de vida.

Last but not least, o trabalho “Antonin Artaud: uma vida em registro”, de Cristiano Florentino, mostram, no campo da Teoria Literária, como sonoridades, sonoplastias, vocalizações são integrantes da “escritura narrativa” do dramaturgo, poeta, ator e cineasta francês Antonin Artaud. Para tanto, Florentino analisa uma transmissão radiofônica subversiva desse artista, mostrando como a oralidade e a glossolalia tecem a produção discursiva emblemática de Artaud.

Esperamos que os artigos aqui reunidos possam incentivar as pesquisas e os estudos sobre as narrativas de vida, a partir de múltiplos olhares. Os olhares escolhidos para compor este Dossiê relevam, apenas, nossa preocupação em não enquadrar a narrativa de vida em uma única possibilidade analítica, pois, entendemos a prática social e linguageira do *storytelling* como fenômeno multifacetado, complexo e que demanda, para sua apreensão, uma perspectiva aberta, ampla, com óculos de lentes cambiáveis. Esperamos, tão somente, poder contribuir com o debate sobre as narrativas de vida que se avizinham e se

avolumam na academia. São “grãos de voz”, como pontua Cristiano Florentino sobre as letras/textos de Artaud, fios discursivos que tecem a grande narrativa das academias.

Boa leitura. Bom proveito.

Ida Lucia Machado - UFMG
Marcus Antônio Assis Lima – Uesb